

Por uma erótica das visualidades: laços improváveis e uniões desejan- tes entre objetos, corpos e imagens

*Towards an erotic of visibility: unlikely ties and desiring
unions among objects, bodies and images*

■ ROSE DE MELO ROCHA *

CANEVACCI, Massimo

*Fetichismos Visuais. Corpos Eróticos e
Metrópole Comunicacional*

São Paulo, Ateliê ditorial, 2008. 329 p.

RESUMO

O livro problematiza processos de fetichismo contemporâneos, seguindo a uma proposta teórico-metodológica original. Nela, dialogam repertórios das teorias da comunicação e da antropologia, buscando tecer, aos modos de uma pulsante cartografia, as interações possíveis entre objetos, corpos e imagens. Recusando análises pregressas, objetiva-se apreender o fetichismo para além dos planos da alienação (Marx) e da perversão (Freud). Nestes termos, defende uma crítica da reificação visual.

Palavras-chave: cidade, imagem, corpos, fetichismos

ABSTRACT

The book questions contemporary fetishistic processes, offering an approach theoretically and methodologically original. In this approach, repertoires from communication theories and anthropology dialogue with each other and operate as a pulsating cartography of the interaction among objects, bodies and images. Refusing precedent analyses, it seeks to apprehend the fetishism on a plane beyond those of alienation (Marx) and of perversity (Freud). In these terms, it argues for a critic of visual reification.

Keywords: city, image, bodies, fetishisms

* Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com pós-doutorado em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC-SP. Coordenadora Adjunta do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM e coordenadora do NP Culturas Urbanas da Intercom.

O ITALIANO MASSIMO CANEVACCI tornou-se conhecido no Brasil há mais de dez anos por sua pouco ortodoxa empreitada de aproximação entre os campos da Comunicação e da Antropologia. Despertando afetos “eXtremos”, de desbragados encantamentos a francas desconfianças, vem, desde então, povoando o cenário intelectual brasileiro com uma miríade de metáforas sobre a comunicação, a urbanidade, suas sociabilidades, sensibilidades e visualidades emergentes.

Sob a ótica de um adorniano mais empedernido, Canevacci, com sua estratégia plástica de percepção e formulação teórica, poderia soar como um tipo de acadêmico excessivamente afinado com as dinâmicas do pós-espetáculo. Para pensamentos mais flexíveis, ao contrário, tratar-se-ia de um autor-esteta brilhantemente original, que toma aos conceitos como em uma abordagem erótica, algo que um pós-moderno como Jean Baudrillard poderia definir como sendo uma estratégia de sedução, na qual força-se o objeto do desejo, forçando-lhe na pele de sua superfície até a explosão e a oferta de seus mais ocultos segredos. Ou, ainda seguindo a inspiração do mesmo autor, talvez Massimo Canevacci logre tornar sua teoria um crime perfeito, aquele que, na derivação baudrillardiana, não deixa marcas nos objetos de estudo ou pistas na superfície das narrativas que relatam tais encontros.

Em se tratando de Canevacci, há algo de curioso nas interpretações que circulam sobre sua obra, esquematicamente dicotimizadas e contrapostas nas duas categorizações que elencamos acima. Em ambas, encanto e horror provêm de um terreno comum: a inegável capacidade de Canevacci em elaborar, como quem partilha um caderno de campo que oscila entre o rizomático e o hologramático, sua sempre renovada coleção de *insights* criativos para se pensar o contemporâneo.

Desde a publicação de suas obras mais alentadas sobre a antropologia da comunicação e a polifonia urbana, nosso pesquisador e sua verve performativa vêm passeando com frequência e destemor pelos terrenos pantanosos e fulgurantes da cena metropolitana, deixando-se sensibilizar, ainda, pelos processos comunicacionais e midiáticos ensejados pelas culturas e mídias digitais. Pouco afeito a dogmas metodológicos ou a cartesianismos teóricos, Canevacci não se furta a analisar, alimentando-se criticamente de circunspeção frankfurtiana e iconoclasmo benjaminiano, tematizações e problemas de pesquisa que poderiam ser considerados “menores”, seja pela comunicação, seja especialmente pela antropologia clássica, que talvez olhe com excessiva desconfiança ou descrédito para temas tão *hype* quanto a neo-publicidade, as culturas juvenis punkeiras e digitalizadas, ou, agora, sobre as dinâmicas simbióticas que Canevacci localiza regerem as atuais relações e vinculações entre imagens, corpos e objetos.

Este antropólogo da comunicação que bem poderia ser definido como um comunicólogo do “*anthropos*”, construiu a seu modo uma tradição de interpretar o urbano e seus textos como se estes fossem corpos e, em direção especular, refletir sobre os corpos como se estes também fossem textos a ser escrutinados. A escrita de Canevacci tem um quê de fenômeno «pop», sem deixar, contudo, de ressoar paisagens contraculturais e vasto cabedal teórico. Não por acaso, em uma de suas últimas pesquisas, recentemente publicada no Brasil com o título *Fetichismos Visuais. Corpos Eróticos e MetrÓpole Comunicacional*, o jogo permanece.

Isso se dá, de um lado, com o antropólogo regressando à cidade, representada pela cartografia canevaciana como corpo plenamente erotizado pela resplandecência dos objetos e das imagens de corpos, em um trânsito iconofágico autorreferente. De outro, retorna o comunicólogo, investindo com densidade na pele de corpos, e o faz assumindo que, agora, como em uma festa democrática que agrega autômatos, fetiches, imagens, objetos, homens e mulheres, a simbiose se dá, sob a égide das visualidades e dos regimes imaginários, entre seres de carne e seres de matéria inorgânica.

Há um discurso publicitário sempre ali, costurando simbólica e literalmente as existências, como se, de fato, a ideia de uma automação tivesse se deslocado dos corpos de metal, de madeira, de eletricidade e ondas magnéticas para o *bios* humano. E isto, se percorrermos cada um dos capítulos do livro, talvez possa ser atribuído à centralidade das visualidades na cena social e afetual da atualidade, imagens que, longe de serem ideologizadas, expressam paradigmaticamente a lógica sexualmente fantasmática que ordena o *socius*, mas, fundamentalmente, que rege, como sub-reptícia palavra de ordem, a dominância de mecanismos imaginários na regulação e «des-regulação» social.

É nesta direção e como recurso de contaminação e crítica de tal cenário que Canevacci recorre ao termo «fetiche», e desde as páginas iniciais do livro já nos adverte do que, para um leitor fiel, talvez fosse dispensável: não irá adotá-lo na direção corrente. Assim, rechaça a adoção irrestrita da ênfase freudiana, que percebe o fetiche como fonte de perversão, e distancia-se da crítica marxista, que irá localizá-lo no plano da alienação. Vale ainda lembrar que, na titulação original, o livro se chamava *Una Stupita Fatticitá. Feticism Visuali tra Corpi e Metropoli*. Segundo o autor, tratar-se-ia de retomar “uma frase que Adorno usa para criticar o método de Benjamin e que este último reivindica como «o» método através do qual penetra nos processos de reificação para dissolvê-los” (CANEVACCI, 2008: 19).

Enfrentando suas próprias heranças, Canevacci nos convida, sempre pontuando sua escrita de imagens arrebatadoras, estranhamente familiares, taticamente

táteis, a acompanhá-lo em sua defesa apaixonada e, como ele mesmo diz, estupefata, de uma necessária crítica da reificação visual. E este será um assunto de fluxos, saliências e reentrâncias, retomando-se em diversos momentos um sufixo caro ao autor, o de “*scape*”. Seu “design etnográfico” é também “uma etnografia fetichista”, porosa, panorâmica, enfeitada para melhor revelar os feitiços.

Os “fluxos panorâmicos corpóreos” mobilizados pelo autor nos convidam a uma trilha ocular-analítica *sui generis*, repleta de corpos-imagens, imagens-corpos, corpos-objetos e objetos-corpos sempre em trânsito, sempre em transe, sempre em estado de virtual acoplação: como no fluxo amoroso, o desejo é sempre fugidio, mas, igualmente, sempre se faz inscrever em corpos, territórios, objetos. Assim, Canevacci detém-se, por exemplo, em iniciativas de transformação urbana capazes de conversão das cidades em verdadeiras locações comunicacionais, em performances e produções visuais que revertem, via processos de fetichização, as demandas utilitárias mais potentes.

Se uma esperança existe, sugere Canevacci, ela reside na sedução, nas iniciativas intersticiais de cruzar e juntar improbabilidades – estéticas, anatômicas, eróticas, teóricas. Mutações culturais sincréticas ganham visibilidade aí, consolidando, no argumento de nosso autor, algumas proposições. Uma delas, que nos soa emblemática, será utilizada para caminhar rumo à finalização de nossa resenha. Segundo o antropólogo, a experiência com os fetiches e a fetichização, lança-nos um desafio a um só tempo cognitivo e perceptual, impelindo o olho “a refinar-se em erótica” (Idem: 263).

Com ela, e na consideração de um sujeito poroso/encantado/destruidor, se fazem caminhos analíticos, sensíveis às metamorfoses contemporâneas e, essencialmente, dispostos a muito amorosamente reconhecer-se nelas, ainda que, para liberar-lhes a potência libertadora, disponha-se a destruí-la. A crítica à reificação visual, portanto, exige, nos termos de nosso autor, o mergulho incessante na arriscada e ambivalente sedução das visualidades e dos próprios fetiches. E isto só se pode fazer em fluxo, na disposição mesma para as metamorfoses. Afinal, como encontramos nas últimas frases do livro, “[o] fetichismo é metafórico: pós-colonial, pós-perversão, pós-alienação, além de dualismo e universalismo; multivíduo; mimético; sagrado, avatárico” (Idem: 311). É assim, de olhos bem abertos, que se poderá perceber o que de humano, corporeamente humano, reside nas interações entre os fluxos imaginários, as profusões de visualidades, os objetos, as mercadorias, a urbanidade. Do plano inanimado, ressurgem as mutações vitais. Se tivermos olhos para senti-las, e corpos para pensá-las. **M**

Resenha recebida em 30 de julho e aprovada em 28 de agosto